UM ENSAIO SOBRE A ESCRITA NA GEOGRAFIA: POR UM FAZER-CIENTÍFICO ENGAJADO

An Essay on Writing in Geography: toward an engaged scientific practice

Tiago Rodrigues Moreira

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

t229845@dac.unicamp.br

Felipe Costa Aguiar

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

felipe.costa.aguiar@uel.br

Recebido: 06/04/2024

Aceito: 11/11/2024

Resumo

Neste artigo, ensaiamos algumas reflexões sobre a escrita dos geógrafos que buscam, na fenomenologia, embasamento para realização do seu fazer-científico. Entre essas reflexões estão a crítica ao modo moderno de se fazer geografia, a geograficidade como relação existencial com a realidade geográfica e a escrita como fazer-científico engajado. Ao final, concluímos que a geografia engajada, atrelada à nossa situação existencial no mundo-da-vida e comprometida com as realidades geográficas vivas, carece de uma escrita que dê vazão à geograficidade dos fenômenos, isto é, uma escrita engajada com as experiências geográficas, e não apenas com os conceitos e categorias científicas da Geografia. Como o geógrafo Eric Dardel nos ensinou, a escrita geográfica perde muito ao abandonar a linguagem literária e se ancorar na linguagem cientificista, principalmente em expressividade, que é um dos modos de tocar o leitor que se debruça sobre um texto.

Palavras-chave: Situação; Fenomenologia; Geografia.

Abstract

In this article, we present some reflections on the writing of geographers who seek, in phenomenology, a foundation for their scientific-doing. Among these reflections are a critique of the modern approach to geography, geograficity as an existential relationship with geographical reality, and writing as an engaged scientific practice. Finally, we conclude that engaged geography, tied to our existential situation in the lifeworld and committed to living geographical realities, requires writing that conveys the geograficity of phenomena—that is, writing engaged with geographical experiences rather than solely with the scientific concepts and categories of Geography. As the geographer Eric Dardel taught us, geographical writing loses much when it abandons literary language and anchors itself in scientific language, particularly in expressiveness, which is one of the ways to engage the reader who delves into a text.

Keywords: Situation; Phenomenology; Geography.

1. NO FIM DAS CONTAS, COM O QUE NOS ENGAJAMOS?

“[...] escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade, tendo começado, de bom grado ou à força você estará engajado”
Jean-Paul Sartre, 2019

Pode parecer estranho começar um artigo com a expressão “no fim das contas”, que geralmente utilizamos para concluir, e não para introduzir. Contudo, optamos por começar esta introdução já concluindo algumas reflexões. Este artigo, na verdade, parte de conclusões que realizamos ao longo da nossa trajetória, ainda que breve e recente, na pesquisa em Geografia: temos nos engajado profundamente com o universo conceitual e categorial da ciência geográfica, mas muito pouco com o mundo-da-vida, aquele em que deveríamos nos concentrar quando fazemos ciência, porque é nele que a vida pesquisada acontece.

Aprendemos, desde muito cedo, nas disciplinas que nos introduzem aos métodos e metodologias de pesquisa em Geografia, que um trabalho sólido precisa apresentar hipótese, objetivo, método e metodologia bem estruturada. Para que isso seja possível, os conceitos e categorias de análise devem estar fortemente delimitados e ancorados em um arcabouço conceitual. Arcabouço? Sim, essa palavra que diz do esqueleto do corpo humano, uma armação, a estrutura de uma construção; algo que referencia a capacidade de produzir algo, de criar. A pesquisa ancorada em um arcabouço conceitual tem o poder de criar, pois a estrutura que a sustenta possibilita essa construção.

Na ciência geográfica, a segurança do arcabouço advém das “correntes de pensamento” nas quais as pesquisas se ancoram. Essas correntes ainda evocam e reverberam a aposta em uma ciência pautada em um processo colonial de pesquisa. Correntes de pensamento: isso significa pensamentos que aprisionam? Nem sempre. Trata-se, antes, de pensamentos que enlaçam, que conectam os elementos da pesquisa de forma segura, bem definida, quase inabalável. Uma estrutura que evite fraturas, rasuras, tremores e traumatismos.

Na interface com as fraturas, ainda que inseridos nesse processo colonial de fazer pesquisa, nos perguntamos: qual o lugar da escrita? Como a escrita tem sido arrolada no fazer-científico geográfico? Do geógrafo mais experiente ao mais jovem, a escrita é uma das formas de registro à qual recorreremos com frequência, principalmente no âmbito do que veio a ser reconhecido como ciência geográfica. Sem desmerecer a oralidade ou exaltar a escrita, é inegável que a ciência geográfica, tal como a conhecemos hoje, dependeu e depende do registro escrito. Assim, discutimos não apenas a importância da escrita na

ciência geográfica, mas também os próprios modos de escrever e como o ato de escrever, no trabalho dos geógrafos, vai muito além do simples registro dos resultados da pesquisa. Escrever é, para o pesquisador, uma forma de engajamento com o mundo pesquisado.

Que geógrafo nunca se deparou com o desafio da escrita? Seja pela dúvida sobre como escrever ou sobre o que escrever, comunicar uma mensagem ao outro não é uma tarefa simples. Por essa e outras razões, uma reflexão sobre a relação dos geógrafos com a escrita poderia facilmente servir como introdução para várias pesquisas ou, no mínimo, para descrever as experiências de muitos geógrafos ao escrever.

Torna-se, portanto, importante pensar o lugar da escrita nas geografias e como ela pode nos fazer engajar com o mundo-da-vida, nos proporcionando um fazer-científico engajado, que não está restrito pelas correntes epistemológicas da Geografia nem pelos arcaísmos das ciências, mas sim imerso no mundo-da-vida, na vida viva e vívida. Assim, trata-se de um convite a refletir sobre como escrevemos na pesquisa em Geografia, certa vez que a escrita é uma das formas como nós, geógrafos, tentamos tocar os outros para que pensem conosco as questões de nossa época.

2. O QUE PODE A GEOGRAFIA?

Ao perguntarmos “o que pode a Geografia?”, abrimos uma ampla margem para possíveis respostas, mas, de antemão, ao menos duas interpretações são viáveis. A palavra “pode” é lida como a conjugação do verbo poder, que indica a capacidade de alguém ou algo realizar alguma ação. Além disso, “pode” também aponta para a possibilidade de algo acontecer. Assim, a pergunta que utilizamos para abrir esta seção sugere que, no âmbito que discutimos, a Geografia não apenas é capaz de realizar algo, mas também torna possíveis determinadas ações a partir do que realiza.

Como Dardel (2011, p. 01) demonstrou, há várias geografias e, em sua exposição sobre a história do pensamento geográfico, tornou-se evidente o que a Geografia pôde realizar e a que se propôs ao longo dos anos:

O desenvolvimento da ciência geográfica no século XIX é uma das manifestações características do espírito moderno no ocidente. Depois da Idade Média e de sua inquietude metafísica, ao final do humanismo atento aos problemas psicológicos, morais e políticos do Homem, o mundo ocidental voltou-se para a Terra, o Espaço e a Matéria. Sua vontade de poder, impaciente em se instalar nas dimensões do mundo exterior, se apodera do universo pela mediação, o cálculo e a análise. [...] Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva.

Acreditamos que é possível fazer mais ou fazer diferente do que tem sido realizado ao longo da história da Geografia. Como aponta Dardel (2011), à medida que as geografias (mítica, profética, heróica e das velas desfraldadas) se tornaram científicas, os geógrafos perderam muito da capacidade de encantamento com o mundo. A inquietação geográfica, termo cunhado por Dardel (2011) para descrever o incômodo que impulsiona os geógrafos, adormeceu. Hoje, os geógrafos parecem mais encantados pelos conceitos e categorias científicas do que pelo mundo-da-vida. É como se todo o arcabouço teórico e metodológico acumulado ao longo da história da disciplina fosse considerado suficiente e fixado, tornando-se a forma mais “correta” de compreender os fenômenos geográficos. Os estudos geográficos ganharam exatidão, mas perderam expressividade; há muito espaço para a Geografia, mas pouco nos atentamos à geograficidade.

Na tentativa de combater essa equação cientificista que predomina nos debates geográficos, há pesquisadores brasileiros que lutam contra essa tendência moderna de esquecer a experiência geográfica em favor dos sistemas conceituais da ciência. Como exemplo, citamos os estudos brasileiros pioneiros em Geografia Humanista e Cultural de Livia de Oliveira (2017), Werther Holzer (1992; 2016), João Batista de Ferreira Mello (1991), Lúcia Helena Batista Gratão (2002), Amélia Batista Nogueira (1994, 2001) e outros.

Marandola Jr. (2013; 2016a; 2020) mostrou como esse fazer-científico tem se desenvolvido e sido disseminado no Brasil por meio de diferentes grupos de pesquisa que compõem o GHUM – Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. Trata-se de uma rede de pesquisadores brasileiros, composta por cientistas de distintas formações, que buscam, por meio de diferentes abordagens humanistas e fenomenológicas, retomar as experiências do mundo-da-vida, frequentemente negligenciadas pelo modo hegemônico de pesquisa em Geografia. As reverberações dessa rede também podem ser encontradas nos trabalhos de Holzer (2008; 2014; 2016), Marandola Jr. (2010; 2014; 2017; 2020) e Aguiar e Pacheco Junior (2022).

Salvaguardadas as particularidades epistemológicas e metodológicas, os pesquisadores que se dedicam a esse fazer-científico engajam-se com a geograficidade e seus diferentes modos de manifestação. Nesse fazer-científico, há um apelo às geografias vividas, que se desvelam em descrições de experiências geográficas sob diversas circunstâncias. É nesse contexto que problematizamos a escrita como um fazer-científico engajado, capaz de nos permitir compreender a geograficidade por meio de uma escrita expressiva, e não objetificante.

Jean-Paul Sartre, fenomenólogo existencialista francês do século passado, preocupado com a escrita e com a fenomenalidade política que ela carrega em si, deslinda, principalmente em “Que é a literatura” (2019), a potência da escrita enquanto um modo de engajar-se com o mundo. A escrita tende a se comportar como uma forma de comunicação modesta, que emerge a partir dos modos de vida, dos cotidianos e dos modos ordinários de existir. Assume, portanto, uma tonalidade de função social, como nos lembra Sartre (2019), pois emerge a partir da liberdade e da responsabilidade do humano que compartilha o mundo com os Outros. Nesse compartilhamento, o humano se coloca em situações-limite, onde é necessário negociar sua liberdade e sua autonomia com base na responsabilidade pelo Outro. Esse é o meandro em que escrita e comunicação se encontram. Sartre (2019) vai além ao afirmar que não há como nos desengajarmos da escrita, pois cada escritor está situado em sua condição de escritura, seja pelas palavras que utiliza, pela situação histórica que orienta o que escreve ou até mesmo pelas outras pessoas que lerão seus textos. De fato, a comunicação se fundamenta nos diálogos futuros e improváveis que se desdobram do ato de escrever.

A escrita das experiências nos convoca a grafar a particularidade de cada realidade geográfica, diferenciando-se da universalização promovida pelo fazer-científico engajado apenas com os conceitos e categorias, e não com o mundo-da-vida.

Diante disso, retomamos a pergunta que fizemos no início desta seção e consideramos que a Geografia pode se engajar no mundo-da-vida à medida que os geógrafos se comprometem com a geograficidade, e não com os conceitos vampirescos que defraudam sua situação existencial (Sartre, 1972, p. 69). Apostamos na necessidade de inventar, a cada escrita, uma injeção de fôlego para novos modos de escrever as experiências geográficas. Isso porque um dos dilemas que enfrentamos na escrita geográfica contemporânea é que o fazer-científico hegemônico nos extirpou o direito à escrita e nos minou o direito de sonhar em Geografia (Gratão, 2016).

3. O ENGAJAMENTO COMO FAZER-CIENTÍFICO

Se antes nos desdobramos sobre o problema do fazer científico hegemonicamente adotado na Geografia e o modo como ele cerceia a escrita dos geógrafos, reduzindo as realidades geográficas a grafias padronizadas e reforçando os conceitos e categorias em detrimento do abandono da experiência geográfica, agora nos atentamos mais ao engajamento como fazer-científico e às questões que derivam dessa possibilidade de

pesquisar Geografia. Nesse sentido, queremos refletir sobre como grafamos as realidades geográficas que pesquisamos.

Em Sartre (2019), compreendemos o engajamento como um modo de se lançar no mundo. Segundo o filósofo, o escritor engajado está comprometido com o seu projeto de existência e, por isso, assume suas responsabilidades, deslindando, dessa maneira, as fenomenalidades que aparecem no seio do fazer-científico por meio de uma escrita que seja potente, verdadeira, autêntica e que busca fazer o leitor pensar criticamente. Assim, a escrita engajada não é a mais rica em vocabulário científico ou em terminologias que os leitores não conhecem, pois são propriedade dos cientistas. A escrita é engajada porque ela nasce como atividade do escrito de pensar e agir no mundo, para que via leitura quem lê possa responder ao diálogo que o escritor começou quando escreveu o texto.

A escrita, leitura e o diálogo são dimensões dessa situação. Sartre (2007) propôs a sua ontofenomenologia e apontou que a existência é a condição humana no mundo, além disso o filósofo escreveu que essa condição existencial se expande ao nos engajamos em nossa situacionalidade. Nas palavras de Sartre:

[...] qualquer que seja a situação em que se encontre, com seu coeficiente de adversidade próprio, ainda que insuportável, o para-si deve assumi-la com a consciência orgulhosa de ser o seu autor, pois os piores inconvenientes ou as piores ameaças que prometem atingir a minha pessoa só adquirem sentido pelo meu projeto; e elas aparecem sobre o fundo de comprometimento que eu sou (Sartre, 2007, p. 598).

No âmbito da pesquisa e da escrita, o engajamento de quem escreve faz parte de um processo minucioso de busca e investigação, pois estamos todos imersos em situações existenciais – realidades geográficas. A realidade nos provoca temporalidades distintas, que nos permitem grafar a historicidade do mundo de várias formas, abrindo-nos, inclusive, à possibilidade de ignorarmos a historicidade ou de valorizá-la. Não é por menos que podemos classificar pesquisas científicas como situadas, circunscritas e outras denominações, para nos referirmos a trabalhos vinculados ou desvinculados das realidades pesquisadas. Por isso, a escrita ressalta a importância de o escritor/pesquisador não ignorar o mundo-da-vida, pois, uma vez:

[...] engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar: quem entra no universo dos significados não consegue mais sair; deixemos as palavras se organizarem em liberdade, e elas formarão frases e cada frase contém a linguagem toda e remete a todo o universo; o próprio silêncio se define em relação às palavras, assim como a pausa, em música, ganha seu sentido a partir dos grupos de notas que a circundam. Esse silêncio é um momento da linguagem; calar-se não é ficar mudo, é recusar-se a falar – logo, ainda é falar (Sartre, 2019, p. 30).

É do engajamento que brota a ação no fazer-científico. É o geógrafo engajado que pratica e grafa a geografia vivida em ato, como Dardel (2011) sinalizou. Esse profissional, ao se engajar, atenta-se para a possibilidade de desvendar o mundo a partir de sua situacionalidade. A escrita liberta o pesquisador para engajar-se com o mundo que se revela na pesquisa.

Salientamos a importância do comprometimento do geógrafo enquanto um ser-em-situação (Marandola Jr., 2021), que se meandra pelo fazer-científico na experiência de pesquisar, que se deixa sujar pelas incertezas do caminho, que sente o coração agitado ao desvendar algo, que remete a euforia do encontro com o fenômeno a ser estudado. O engajamento, enquanto modo-de-ser, permite que essas fenomenalidades não sejam suprimidas no fazer-científico e as liberta para que corroborem com uma escrita íntima, próxima e visceral. A relação íntima entre a escrita, o geógrafo e a realidade geográfica com a qual ele se engaja é retomada por Dardel (2011, p. 4): “a escrita, tornando-se mais literária, perde clareza, mas ganha em intensidade expressiva, devido ao estremecimento da existência que é dada pela dimensão temporal restaurada”.

Sartre (2019), ao tecer críticas à literatura surrealista dos séculos XVIII e XIX, indicou que há um possível esmagamento da experiência cotidiana da vida, algo que se aproxima com a compreensão que Dardel faz da geograficidade, e um total aniquilamento da realidade por meio de uma escrita automática que se fundamenta em refúgios descolados da existência situada, contribuindo para uma escrita generalizada e, em sua maioria, aristocrática. Atentos a essa afirmação sartreana, levamos a mesma crítica para a Geografia. Será que, ao escrever nossos textos, não estamos perpetuando o esmagamento da existência e suas fenomenalidades? Inclinamos nossas inquietações para as possibilidades de encarar o engajamento como fazer-científico.

O pesquisador engajado, ao contrário do que demonstramos na seção anterior, tem em seu fazer “[...] um olhar mais intuitivo, mais bisbilhoteiro, mais matreiro, que se imiscuiu na multidão, escutando-a, sentindo-a. É um olhar arruadeiro ou localizado” (Pais, 2003, p. 106).

Como fazer-científico, o engajamento leva o pesquisador ao mundo-da-vida não como catalogador dos fenômenos, como escritor de enciclopédias geográficas, mas como alguém que se abre para os caminhos que os fenômenos podem apresentar, sem converter as experiências geográficas em conceitos e categorias científicas. A esse fazer-científico pertence o perguntar, pois são as perguntas que nos levam aos caminhos, e não os ideais que tomamos por verdades absolutas. Se não fosse assim, pessoas certas dos trajetos que

devem percorrer nunca se perderiam, e os perguntadores jamais retomariam o caminho correto. Um fazer-científico engajado com o mundo-da-vida constantemente refaz as perguntas fundamentais para a compreensão do mundo pesquisado, pois ele mesmo está em constante transformação. No entanto, as respostas nunca são entendidas como verdades eternas, mas como interpretações situadas de uma realidade geográfica em transformação, que a qualquer momento pode vir a ser outra. Já que, como geógrafos, somos os leitores dessas realidades, precisamos estar abertos para reinterpretá-las a todo tempo, mesmo que isso signifique reescrever os textos que um dia foram base para nossas interpretações de mundo.

4. AS FENOMENOLOGIA COMO POSSIBILIDADE DE ENGAJAMENTO

O fazer-científico engajado, da forma como o apresentamos, não se restringe aos conceitos e categorias científicas aos quais as ciências confiam as explicações do mundo. Contrariamente a isso, esse fazer se concretiza nos fenômenos que investigamos e, por consequência, nos lugares em que tais fenômenos tomam presença no mundo.

Enquanto um dos modos engajados de fazer ciência, as fenomenologias se interessam concomitantemente pelo ser-em-situação (Marandola Jr. 2021). Por isso, as condições de possibilidade do fazer-científico engajado não se furtam do lugar, pois, como nos lembrou Dardel (2011, p. 14):

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A "situação" de um homem supõe um "espaço" onde ele "se move"; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. "Perder a localização", é se ver desprovido de seu "lugar", rebaixado de sua posição "eminente", de suas "relações", se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem.

Dessa forma, o lugar assume sua fundação relacional nas experiências geográficas que investigamos, uma vez que as coisas que aparecem no mundo estão situadas nos lugares de modo relacional, atreladas à totalidade da situação. Tudo deixa de pertencer ao domínio científico-conceitual e se abre para as relações existenciais, o mundo deixa de ser amorfo e inominável:

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados [...] o espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: Paris, Saara, Mediterrâneo (Dardel, p. 2, 2011).

Reencantado pelos nomes e formas da Terra, esse fazedor engajado não parte dos termos enciclopédicos para encaixar o mundo-da-vida nos vocábulos científicos, pois sua inquietude advém do "[...] seu mundo circundante" (Dardel, p. 2, 2011), das realidades geográficas que vive e pesquisa. Nesse sentido, o geógrafo engajado mais atualiza o seu dicionário científico do que caracteriza o mundo-da-vida. Não há nada para ser definido e catalogado no mundo, então de nada serve a escrita enciclopédica. Inclusive, na situação de digitalização da vida e da informação que vivemos hoje, as enciclopédias não servem de nada, todas as definições terminológicas e caracterizações enciclopédicas estão a um toque de distância. Portanto, de que servimos nós, geógrafos, se não tocarmos os outros com a nossa escrita? É o toque e a afetação que nos leva de volta as fenomenologias.

Exercendo o fazer-científico engajado, os geógrafos buscam diminuir as distâncias entre a Geografia e o mundo-da-vida. A fenomenologia, nesse caminho, desobstrui os sentidos da experiência geográfica que foram obstruídos pelas amarras dos conceitos e categorias, pois “restaura o mundo que estava perdido pelas filosofias” (Sokolowski, 2010, p.22) e pelas ciências.

A escrita descritiva das experiências geográficas é um dos modos de possibilitar o engajamento do geógrafo com o mundo-da-vida, como escreveu Dardel (2011, p. 4), “a escrita, tornando-se mais literária, perde clareza, mas ganha em intensidade expressiva, devido ao estremecimento da existência que é dada pela dimensão temporal restaurada” (Dardel, 2011, p. 4).

As fenomenologias que buscam as experiências vividas nas realidades geográficas não têm no fazer-científico apenas uma forma de descrição e análise, mas também de escrita, prática que torna o geógrafo um pesquisador literalmente engajado com o mundo, haja vista que a escrita se apresenta como constituição de todo o nosso fazer-científico. Desse modo, as fenomenologias nos propiciam aberturas para deslindar geografias engajadas e situadas.

5. POR UMA ESCRITA GEOGRÁFICA ENGAJADA

Um retorno a nossa questão inicial se faz presente. Não que a tenhamos esquecido, mas, nesse instante, nos voltamos a ela com uma intenção de validar a escrita como um modo de pesquisa que se faz no processo em que o geógrafo se engaja. Desse modo, propomos uma escrita enviscada no mundo, que viabilize a realização de uma pesquisa geográfica situada, que se comprometa com as experiências geográficas ordinárias do mundo-da-vida. É por meio da descrição das experiências que vivemos nas diversas

realidades geográficas que podemos refletir sobre o engajamento enquanto um fazer-científico.

Ao repousarmos em uma escrita engajada, queremos propor que o texto ganhe organicidade, sendo composto de modos de existência em comunhão com as situacionalidades. E que o fazer-científico não seja apenas um movimento automático seguido de fluxo de ideias, e sim, seja vivido e expressado por cada geógrafo.

Essa escrita não deve, obrigatoriamente, ser poética, musical, imagética ou literal. Em todos os seus modos de ser, é a originalidade e a autenticidade que a revelam, até porque esses elementos possibilitam o seu engajamento com a realidade escrita. Como pondera Marandola Jr. (2016b; 2016c; 2024), ater-se à experiência da escrita é estar intimamente conectado com as experiências cotidianas. O ato de escrever se assume como uma postura política de escrita.

Desse modo, concordamos com Marandola Jr. (2016c, p.145) que considera que

uma ciência geográfica que seja fenomenológica deverá enfrentar os desafios da linguagem e a busca por uma escrita vocativa, na qual a circunstancialidade do ser-no-mundo seja a potência criadora e doadora de sentido, abrindo-se para o compartilhamento de experiências e a possibilidade da própria leitura converter-se em uma experiência.

Nessa escrita, o pesquisador não escreve o que quer, mas o que a realidade investigada o convoca a escrever. O importante, nesse caso, é pôr em liberdade a geograficidade pesquisada, pois ela é o que é partir de si mesma, e com os seus modos próprios de aparecer é que ela nos encontra no mundo. Portanto, não carecem de qualquer forma de reconhecimento e legitimação que não seja a exposição de si mesma, pois não há estrutura conceitual alguma capaz de catalogar todas as realidades geográficas imprevisíveis e inconstantes.

Este texto é tingido pelos desejos de nós, autores geógrafos, que acreditamos na fosforescência do fenômeno enquanto possibilidade desvendante de uma escrita engajada, e vice-versa. Desejamos que nossos textos possam expressar modos de existências tingidos pelas cores de nossa realidade mundana; que cada frase possa ser expressa por meio dos nossos desejos, medos e euforias; e que o fazer-científico contribua para ecoar a vivacidade dessa escrita engajada, e que não seja como uma postura de estrangulamento da realidade (Moreira, 2021).

Ensejamos, assim, um fazer-científico que descreva mais os fenômenos do que os defina; que os liberte para serem o que são ao invés de amarrá-los às correntes teóricas

das masmorras que as ciências podem se tornar. Há uma correnteza meandrada pela ambiguidade que nos convoca a pensar sobre a fenomenologia enquanto modo de lavar a existência. No cerne da fenomenologia engajada, como propôs Sartre (2019), é que se encontra nossa fonte de originalidade criativa e rigorosa, e é em meio às palavras que são visceralmente vividas no cotidiano que se expressam as geograficidades.

Para tanto, é importante ressaltar que nesse caminho que propomos, a realidade geográfica e o ser-em-situação são responsáveis pela urdidura da escrita. A grafia se encontra na clivagem dos modos de ser-no-mundo que se engaja diante da pesquisa em Geografia. Apostamos em uma escrita que seja fiel a nossa relação com a pesquisa em questão, ou seja, o lugar da escrita no fazer-científico geográfico está na abertura para o encontro com o fenômeno.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. C.; JUNIOR, N. C. P. Da nascente à foz: contribuições da fenomenologia heideggeriana à geografia fenomenológica. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 3, n. 2, p. 96-104, 2022.

DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. 176p.

GRATÃO, L. H. B. **A poética d' "O Rio" - Araguaia**: de cheias. E vazantes (á) luz da imaginação. 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GRATÃO, L. H. B. O direito de sonhar em Geografia: projeção bachelardiana. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 2, p. 148-155, 2016.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista**: sua Trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG, 1992. 392p.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Ed. Comemorativa, p.137-147, 2008.

HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227-248.

MARANDOLA JR, E. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. Editora Unesp, 2021. 108p.

MARANDOLA JR, E. Na fissura do presente. **Geograficidade**, v. 10, n. esp., p. 48-72, 2020.

MARANDOLA JR. E. **Ensinar-Aprender Fenomenologia**: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. Teresina, Cancioneiro, 2024. 188p.

MARANDOLA JR. E. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014. 248p.

MARANDOLA JR., E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA JR., E. Geografias do porvir: a fenomenologia com abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, E. S.; SILVA, C. A. SANT'ANNA, J. L.; MELAZZO, E. S. (Org.). **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência, 2016a, p. 451- 466.

MARANDOLA JR., E. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010.

MARANDOLA JR., E. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 7-17, 2017.

MARANDOLA JR., E. O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 2, p. 140-147, 2016c.

MARANDOLA JR., E. Sobre a impossibilidade de se voltar para casa ou a escrita como o lugar possível voltado para o futuro. **Geografares**, Vitória, v. 2, n. 22, p. 5–10, 2016b.

MELLO, J. B. **O Rio de Janeiro dos Compositores da música popular brasileira – 1928/1991: uma introdução à geografia humanística**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MOREIRA, T. R. **Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa mental: recurso didático no ensino de geografia no primeiro grau**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica: a "geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações**. São Paulo: Cortez, 2003. 272p.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2007. 832p.

SARTRE, J. P. **Que é literatura?** Petrópolis: Vozes, 2019. 256p.

SARTRE, J. P. **Situações IV**. Trad. Maria Eduarda Reis Colares e Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Publicações Europa- América, 1972.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 248p.

Recebido: 06/04/2024

Aceito: 11/11/2024